



RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ao olho de vidro: refazendo os caminhos ancestrais das Águas, das matas, pedras e grutas da Comunidade Pesqueira e Quilombola Conceição-BA

Through the glass: retracing the ancestral paths of Águas, forests, rocks and caves of the Fishing and Quilombola Community Conceição-BA

Edielso Barbosa dos Santos

Movimento de Pescadores e Pescadoras
(MPP)

Elionice Conceição Sacramento

Articulação Nacional das Pescadoras (ANP)

Manuela Sampaio Ferreira

Teia dos Povos - BA

RESUMO

Este relato de experiência visa partilhar nosso sentir, pensar e vivenciar, fruto da realização da demanda de chegar a Gruta de Sultão das Matas, entidade espiritual cultuada pelo povo de Conceição de Salinas-BA no Olho de Vidro ou pelo povo do Olho de Vidro que passou a morar no Quilombo Conceição. No segundo turno, este escrito pretende desmistificar a narrativa de que não existem caminhos para o Olho de Vidro e, de igual modo, questionar a construção do Olho de Vidro ser um local distante e inacessível. Em termos metodológicos, vamos sistematizar algumas orientações do trabalho em campo a partir da experiência do decorrer deste percurso com caminhada de cerca de nove horas, realizado em região de mata (restinga e remanescente de mata atlântica), marcada por diferentes tipos de vegetação e solos diversos, composto de barro de tauá, Patioba, areia branca, pedras e areia preta. O próprio percurso, no geral, nos mostrou o quanto “fazer o campo” se torna indispensável para a investigação e pesquisa. No final, avaliamos que o trabalho de campo perpassa por determinadas limitações e desafios específicos e gerais que precisam ser expostos de forma a instrumentalizar e orientar sobre o trabalho em campo de forma mais efetiva.

Palavras-chave: Quilombo Conceição-BA; Olho de Vidro; Recôncavo Baiano; Prática Ancestral.

ABSTRACT

This experience report aims to share our feelings, thoughts, and lived experiences resulting from the realization of the demand to reach the Gruta de Sultão das Matas, a spiritual entity worshiped by the people of Conceição de Salinas-BA in Olho de Vidro, or by the people of Olho de Vidro who moved to live in the Quilombo Conceição. In the second part, this text seeks to demystify the narrative that there are no paths to Olho de Vidro and, similarly, to question the construction of Olho de Vidro



as a distant and inaccessible place. Methodologically, we will systematize some fieldwork guidelines based on the experience of this journey, which involved a walk of about nine hours in a forested region (mangrove and remnants of Atlantic Forest), marked by different types of vegetation and diverse soils, consisting of tauá clay, Patioba, white sand, stones, and black sand. The route itself, overall, showed us how indispensable "doing fieldwork" is for investigation and research. In the end, we assess that fieldwork involves specific and general limitations and challenges that need to be exposed in order to better equip and guide more effective fieldwork

Keywords:. Quilombo Conceição; Olho de Vidro; Recôncavo Baiano; Ancestral Practices.

INTRODUÇÃO

A caminhada física e espiritual, seja de retorno ou continuidade, se faz necessária para que, em certa medida, tenhamos condições de honrar nossa ancestralidade e entender que nosso corpo também faz parte da dinâmica do que é território e do que o constitui.

Para nós, Povos e Comunidades de Matriz Africana e de Terreiros, não existe caminhadas sem retornos, a sabedoria do caçador (odé) que carrega o arco e flecha nos faz refletir que para a flecha alcançar seu alvo, ela precisa ganhar impulso, ou seja, é preciso retornar para disparar. As Matas nos ensinam a ter coragem no medo do desconhecido, nos mistérios que ela mesma guarda, as matas nos ensinam a silenciar e escutar.

Quando a demanda de chegar à Gruta de Sultão das Matas, localizada em um território tradicional compreendido pela Comunidade Pesqueira e Quilombola Conceição de Salinas, situada no município de Salinas da Margarida, Recôncavo Baiano, que, pelo menos ainda não tínhamos ido nesse corpo surgiu, não poderíamos fazer alardes, para não chamar a atenção dos inimigos, sobretudo, porque a previsão era de permanecer na mata adentro por algumas horas em um determinado dia da semana.

Sendo assim, Elionice Conceição Sacramento, pescadora quilombola reconhecida como uma das lideranças da comunidade. Nesse período, ela se encontrava em Salvador e articulou Manuela Ferreira, agroecóloga e ativista da articulação Teia dos Povos-BA, e Edielso Barbosa dos Santos, estudante de Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e co-fundador da Escola das Águas, para lhe acompanhar ao Olho de Vidro. Além disso, entrou em contato com Vânia Conceição Sacramento, sua irmã, para que procurasse outro companheiro da comunidade.

Dito isto, por questões éticas e políticas vamos preservar o nome deste último, informamos que se trata de uma autoridade espiritual que já havia acompanhado sua avó nas ofertas da feijoada ao Sultão das Matas. Então, já havia realizado o referido trajeto por várias vezes, ele se juntou a nós nessa tarefa. Justificamos metodologicamente que além de nomes de pessoas, outras dimensões do segredo ancestral vamos resguardar, visto que não nos sentimos autorizadas/os a revelar com profundidade toda experiência. Sendo assim, esta equipe de campo foi formada a partir das nossas ligações ancestrais e étnico-raciais com o território tradicional em questão. Por outro lado, a equipe corresponde às afinidades de nossas formações acadêmicas centradas nas áreas de antropologia e agroecologia, além da amizade e confiança.



O percurso realizado está situado na Comunidade Pesqueira e Quilombola pertencente ao município de Salinas da Margarida. Em termos geográficos e territoriais, essa comunidade quilombola está situada no Recôncavo Baiano, sendo banhada pela Baía de Todos os Santos. Além disso, faz limite com um conjunto de municípios como Saubara, Maragogipe, Jaguaripe, Vera Cruz e Itaparica.

Para Elionice Conceição Sacramento (2019), a Comunidade Quilombola Conceição de Salinas possui a maior expressão pesqueira do município de Salinas da Margarida. Conforme a autora, a religiosidade de matriz africana e indígena está presente no ir e vir do chamado povo de Conceição, ela cita a devoção à Nossa Senhora da Conceição, a São Roque e à Iemanjá para a manutenção das tradições e dos ritos para agradecer as graças alcançadas.

Este relato vem partilhar o nosso olhar, pensar, sentir e vivenciar, no território de terra, águas e ancestralidade (Sacramento, 2019), frutos da realização do percurso com o objetivo de chegar à Gruta de Sultão das Matas, entidade espiritual cultuada pelo povo de Conceição no Olho de Vidro ou pelo povo do Olho de Vidro que passou a morar em Conceição, nos termos de Olívia Cunha (2020), saturada de muitas presenças. Além de desmistificar a narrativa de que não existem caminhos para o Olho de Vidro e, de igual modo, a construção do local como distante e inacessível.

Temos o objetivo de sistematizar algumas orientações para a execução de trabalhos de campo desta natureza. Durante muito tempo, o trabalho de campo baseou-se na produção de uma pretensa “visão autêntica tribal” ratificada na perspectiva etnográfica, como preconizado por Malinowski (1978). Mais tarde, Clifford Geertz (1989) defendeu a descrição densa e, de igual modo, no cenário brasileiro, Carlos Rodrigues Brandão (2007) pontua duas formas de “entrada” no campo, pela técnica de *survey* ou pesquisa definida. No entanto, a natureza e os objetivos do nosso campo são distintos. Dito isto, não pretendíamos entrevistar as matas, as águas ou a Gruta do Sultão, só queríamos pegar um ponto no GPS, mas nossa interação e compartilhamento foi profunda com estes visíveis e invisíveis, tangíveis e intangíveis, nos termos de Antônio Bispo dos Santos (2023).

A partir das experiências vivenciadas no decorrer desta rota, o percurso totalizou-se em uma caminhada de cerca de nove horas (parte dela feita fora do corpo ou com ele ocupado por outras presenças), que serão detalhadas e divididas em trajetos nas próximas seções deste escrito. Ainda que tange aos aspectos metodológicos, acionando a descrição densa (Geertz, 1989), optamos por nomear um dos nossos companheiros e a sua avó, uma sacerdotisa de Povos de Matriz Africana e Terreiros, com nomes de lideranças quilombolas de destaque nacional a fim de proteger suas identidades e, de igual forma, para guardamos outros segredos.

Primeiro percurso

O trajeto iniciou-se na Rua do Fogo, situada na Comunidade Pesqueira e Quilombola Conceição de Salinas, até o rio das Pedrinhas, neste mesmo território tradicional. Como estávamos no inverno, resolvemos sair cedo, haja vista que neste período o Sol sai mais tarde. Conforme combinado, saímos por volta de 7 horas da manhã, às 7h10 horas chegamos a Sapucaia e aguardamos por Zumbi que, às 7h20 horas, se juntou a nós, trazendo velas, alfazemas e todo seu axé. Zumbi, homem quilombola, cumpre a missão de sacerdócio no Candomblé de tradição Ketu em Conceição de Salinas, onde continua a missão ancestral



iniciada por sua avó Aqualtune. Logo depois que a equipe se reuniu completamente, seguimos em direção à caixa d'água para dar continuidade a caminhada até o rio das Pedrinhas, tendo em vista que Zumbi, mais uma vez, nos chamou a atenção para o fato de que os caminhos para o Olho de Vidro, na referida ocasião, não estavam em condições de serem facilmente acessados.

Antes, fizemos uma parada para registrar o fundo da Camboa, local que dá acesso para pista/rodagem e as cercas na lagoa do Manguinho, espaço coletivo que está privatizado e como afirmação de tal ação foi instalado uma placa localizada em uma das pontas da lagoa, com a descrição e referência de uma matrícula que supostamente confere legitimidade de propriedade a um bem que é público. Vale lembrar que a privatização das Águas enquanto estratégia colonial manifesta pelo racismo ambiental é uma grande preocupação dos povos e comunidades tradicionais.



Figura 1: Fundo da Camboa

Fonte: Arquivo Olho de Vidro



Figura 2: Lagoa do Manguinho

Fonte: Arquivo Olho de Vidro



Figura 3: Cercas situadas ao redor da Lagoa do Manguinho
Fonte: Arquivo Olho de Vidro



Seguimos e logo à frente pegamos a primeira entrada à esquerda. Em seguida, passamos pelo rio da Mata Redonda também chamado de Itaparica que dá acesso a mata Redonda, onde pudemos observar muitos cercamentos novos com placas de sítio constando nomes e sobrenomes de “proprietários”, porém, sem vegetações rasteiras, arbustivas e/ou arbóreas. Então, nos parece que se trata de uma retomada pautada em arames e cercas, ou seja, estamos lidando com uma das formas de reprodução do modelo do capital instituído em pequenas propriedades individuais. Adiante, nos deparamos com uma grande cerca que inviabiliza o acesso, tanto a mata quanto o rio das Pedrinhas.

Nesse momento, Zumbi fez uma observação que no tempo das caminhadas com sua avó Aquatune para o Olho de Vidro aquela cerca não existia ali, que era mais para dentro. Nota-se também que mesmo se tratando de uma área vasta, não tinha qualquer cultivo ou criação de animais, o habitar colonial se sobrepõe ao habitar tradicional. Então, seguimos um trajeto de área branca molhada com uma vegetação com aspectos de restinga e caminhamos até chegar ao segundo cercamento, no qual Zumbi ressaltou que ali, sim, tinha uma cerca com o portão e passadiço, daí em diante pedimos licenças e adentramos a mata.

Segundo percurso

Neste momento, já fazemos uma reflexão para um dos fatores limitantes, pois de acordo com as tradições passadas por nossos mais velhos e ancestrais e guias espirituais, não é bom passar por debaixo de arame. Aqui observa-se que até chegar ao rio das Pedrinhas, foi preciso passar por duas cercas, onde a partir da segunda cerca percebemos uma mudança de vegetação notando a presença de muita Patioba (*Geonoma pohliana*), palmeira nativa da Mata Atlântica e Samambaia (*Nephrolepis exaltata*), espécie muito comum em áreas tropicais e subtropicais. Acessamos uma área alagada com características de caminho de um possível riacho e, na sequência, encontramos processos de assoreamento no solo de aproximadamente 1,5 em cerca de 100 metros antes de chegarmos no grande rio. O cercamento sem passadiço, além de limitar o acesso do corpo físico, compromete o culto aos ancestrais pelo impedimento de passarmos por baixo dos arames. Seria essa uma ação orquestrada do capital para enfraquecer a luta? Visto que uma das forças do território está no seu sagrado?

Possivelmente, com cerca de 7 metros de largura e 500 metros de extensão, as margens do rio são habitadas por diversas espécies vegetativas, com predominância da Patioba e Samambaia. Perdemos o rio espriado de vista e chegamos no trecho da mata mais fechada, antes de chegarmos ao Rio das Pedrinhas. Ao avistar o rio das Pedrinhas, Zumbi se alegrou na memória de sua ancestral dona Aquatune.



Figura 4: Rio Espriado
Fonte: Arquivo Olho de Vidro



Figura 5: Rio das Pedrinhas
Fonte: Arquivo Olho de Vidro

Chegando ao rio, segundo os passos das/os mais velhas, paramos para beber água, nos alimentar e fazer os agradecimentos, Zumbi repetiu o ritual que durante anos acompanhou sua



avó fazendo, muito relacionado a uma licença que se pede as águas, entretanto, mais tarde a colega Naiane Pinto¹ nos lembrou que não oferecemos charuto ou mel a quem é de direito. Enquanto isso, o companheiro Edielso Barbosa dos Santos nos informou que iria sondar a área para ver se as condições nos permitiam seguir em frente ou retornar. No seu retorno, informou:

— Se vocês quiserem continuar, o caminho nos levará; tem como ir limpando e continuar seguindo. Nossa tarefa é chegar no Olho de Vidro, estamos por conta disso hoje!

Então, ainda que não tivéssemos saído preparadas/os para chegar ao olho de vidro, animados pelas palavras, avaliamos e decidimos seguir até onde os caminhos nos levassem. Com o acordo de fazer o percurso de ida, tendo cautela de gastar o tempo suficiente a ponto de ser possível sair da mata ainda com a luz do dia, o que significa que no percurso de ida não poderíamos avançar mata adentro em um tempo maior que cinco horas, visto que precisaríamos da mesma quantidade de horas para retornar.

Avaliamos importante deixar no rio das Pedrinhas parte do peso, demos continuidade a trilha e chegamos ao Outeiro, subimos um pouco mais e já conseguimos avistar parte do município de Salinas, Ilha do Medo e Ilha de Itaparica. Talvez, ter deixado parte das coisas, inclusive água, foi algo repensado posteriormente, visto que não saímos preparados/as para fazer o percurso inteiro. Neste momento, Zumbi se animou para continuar o trajeto e nos acompanhou.

Vale destacar que o trabalho de campo é uma metodologia que exige preparos adequados os quais não devem ser ignorados. Logo, fizemos em dada medida pela necessidade em cumprir uma tarefa pontual.

Em uma das subidas ao outeiro, encontramos uma árvore que Zumbi nos relatou ter sido possivelmente a árvore onde os mais velhos deixavam seus pedidos, faziam suas obrigações e paravam para descansar. Interpretamos que esse ponto seria a mediação entre a parte litorânea da comunidade e os outeiros que dão acesso ao Olho de Vidro. Ressaltamos que os livros *Um Defeito de Cor*, de Ana Maria Gonçalves (2008), e *Água de Barrela*, de Eliane Alves Cruz (2018), fazem referência aos outeiros como lugar de culto aos ancestrais, locais de cuidado físico e espiritual, de produção, onde negras e negros libertos que circulavam pela cidade, morando ou comercializando sua produção, buscavam refúgio ou cuidados espirituais atravessando para o Recôncavo Baiano e indo ao chamado outeiro redondo. Não sabemos ao certo se se trata do mesmo outeiro em questão; contudo, percebemo-lo como redondo e com condições adequadas para refúgios e cuidados diversos.

Demos continuidade à subida e encontramos um pé de piaçava com vestígios de que havia sido mexido, vimos também algumas palhas de indaiá cortadas no chão, sinal que nos indicava a presença de pessoas circulando naquele local. Pouco antes desse momento, nos comunicamos com familiares e pessoas conhecidas, como Vânia Sacramento e a professora Cíntia Muller, antropóloga e professora da UFBA que realiza estudos antropológicos junto a Comunidade Pesqueira e Quilombola Conceição de Salinas. Nesse momento, bebemos o último gole de suco e água que ainda tínhamos armazenados. Para ficarmos mais livres e leves,

¹Quilombola da Comunidade de Dom João, Recôncavo Baiano. Atualmente, doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).



consumimos todo o líquido e continuamos o percurso das águas sem água, sem alimentação ou instrumentos de proteção e segurança para realizar um campo em uma mata desconhecida para o corpo físico.

Passados os outeiros, fizemos uma descida que nos levou a uma mata cada vez mais densa. Em determinado trecho, encontramos vestígios de uma possível área de plantio, como se já tivesse sido roçada, visualizamos ajuntamentos de terra em formato de leiras, bem como a presença de vegetação rasteira.

A partir desses pontos, nos deparamos também com o terceiro cercamento existente, marcado com um piquete contendo a informação de “matrícula de uma propriedade”. À medida que avançávamos pela mata densa, encontramos mais sinais de que o local estava sendo transitado, o que nos deixou alertas/os quanto à possibilidade de encontrar armadilhas, caso o percurso estivesse sendo utilizado por caçadores.



Figura 6: Piquete

Fonte: Arquivo Olho de Vidro

Nesse momento, sem parar a caminhada para não perder tempo e ritmo, fizemos uma reflexão e dialogamos sobre o questionamento de como dar continuidade aos cultos religiosos de Povos e Comunidades de Matriz Africana e Terreiros, haja vista que para acessar o território ancestral há várias cercas que impedem o acesso.

Fizemos os devidos registros e seguimos pelos caminhos na mata, em certa altura, eram efetivamente caminhos. Em movimento, tivemos uma conversa rápida e decidimos que, em caso de dúvida durante o percurso, a orientação seria sempre seguir à esquerda. As argumentações para essa decisão se basearam em dois aspectos: segundo Zumbi, o lado esquerdo é o lado do coração, e o coração é um guia importante. Para nós, que somos “crias” dos movimentos de luta pela terra e pelos direitos sociais e territoriais, existe também o aspecto político, pois o lado esquerdo representa o povo, as causas populares e as pautas das chamadas minorias políticas.



Passamos por três tipos distintos de mata e, por três vezes, decidimos seguir pelo caminho à esquerda, sendo guiados pela ancestralidade, até chegarmos ao topo de outro outeiro, de onde tínhamos uma vista tanto da Mata Nova, sede do município de Maragogipe e ilhas do município de Salvador. Foi nesse ponto que chegamos a uma compreensão coletiva: mesmo diante de algumas decisões equivocadas, havíamos cumprido nosso papel e/ou tarefa de campo. Então, olhamos uns para os/as outros/as e celebramos. À nossa esquerda, percebemos também um local de beneficiamento da piaçava. Edielso Barbosa dos Santos e uma outra pessoa, que optamos por não identificar, avistaram pés de coqueiros e outras plantações em um terreiro que revelava sinais de moradias mais recentes. Em seguida, fizemos meia-volta e tomamos novamente o rumo à esquerda, descemos primeiro por uma ladeira e logo nos deparamos com uma baixada onde vimos uma grande árvore que parecia ter características centenárias.



Figura 7: Topo do Outeiro
Fonte: Arquivo Olho de Vidro



Figura 8: Topo do Outeiro (ampliada)
Fonte: Arquivo Olho de Vidro



Eram cerca de 11h15 horas da manhã quando fizemos a descida em uma área de tauá/barro de massapê, depois caminhamos por uma fissura tipo um cano d'águas na rocha até chegarmos nos trechos de mata arenoso e muito tranquilo de caminhar (voçorocas pequenas) pisávamos em território da Gruta de Sultão das Matas sentimos o sol com força, o destampar de uma relva e juntos/as avistamos um passadiço, Zumbi abriu o passadiço e gritou:

Eram cerca de 11h15 horas da manhã quando começamos a descida por uma área de Tauá/barro de massapê. Em seguida, caminhamos por uma fissura semelhante a um cano d'água na rocha, até chegarmos a trechos de mata arenosa, muito tranquilos para caminhar (pequenas voçorocas). Pisamos no território da Gruta de Sultão das Matas, e sentimos o sol forte e o destampar de uma relva, onde avistamos um passadiço. Neste momento Zumbi abriu o passadiço e gritou:

— Me arrepiei todo! Chegamos na área da primeira casa do Olho de Vidro! A casa da minha avó ficava lá embaixo!

Não sabemos se vocês, leitores e leitoras, conseguem imaginar as emoções que se fizeram presentes naquele momento. Podemos afirmar que foram muitas!



Figura 9: Entrada para o Olho de vidro

Fonte: Arquivo Olho de Vidro

A essa altura, o celular de Elionice Conceição Sacramento já havia descarregado, e o de Manuela Sampaio, que estava sendo usado para registrar os pontos de GPS do percurso, estava com aproximadamente 3% de bateria. Nesse momento, registramos mais um ponto. Zumbi e Edielso seguiram em frente, enquanto Elionice e Manuela pararam para marcarem o ponto e registraram algumas imagens. Nesse momento, Elionice realizou uma reflexão sobre o nome do local: Olho de Vidro. Será que tem relação com a possibilidade de enxergar além dos olhos



físicos? Ou seria pelo fato de permitir que os que estão lá tudo vejam, sem serem daqui vistos? Seguimos com essas inquietações e reflexões e passamos por mais um passadiço para alcançarmos a área onde acontecia a festa de Dona Aquatune. Algo nos dizia que estávamos próximos da estrada e perto da comunidade de Pirajuia, que pertence ao município de Jaguaripe. Em casa, pelos pontos de GPS, confirmamos algumas dessas impressões feitas em campo.



Figura 10: Visão do entorno de Olho d Vidro

Fonte: Arquivo Olho de Vidro

O percurso de retorno

Ao chegar na cerca do limite de uma fazenda não identificada, onde pegamos o último ponto de GPS, local que supostamente daria acesso ao barracão de dona Aquatune, paramos para descansar um pouco a fim de retomar as forças para o retorno. Demos conta de que não tínhamos água, pois abandonamos parte das coisas que carregamos, inclusive a água, e o suco que tomamos todo no início do segundo percurso. Surgiram as primeiras e concretas avaliações sobre o nosso trabalho de campo.

Enquanto estávamos parados/as por alguns minutos, percebemos uma movimentação diferente na fazenda. De longe, vimos e escutamos latidos de dois cachorros de raça. Logo em seguida, avistamos a presença de um homem branco, de estatura baixa, cabelos lisos e sem



camisa, segurando uma vasilha, supostamente com ração para os referidos animais. Ao avaliarmos que estávamos em uma parte do território conhecido ancestralmente, no entanto, ocupado por pessoas desconhecidas no momento, Zumbi nos alertou sobre os riscos, lembrando-nos inclusive do quanto estávamos distantes da área de moradia atual da comunidade, e orientou que retornássemos urgentemente.

Nesse momento de retorno, nos agachamos a fim de manter uma descrição da nossa presença ao sairmos do local e, na sequência, adiantamos o passo. Atravessamos a primeira cancela e percebemos que estávamos sendo seguidos. Inclusive, notamos um chamado; no entanto, mantivemos a caminhada de retorno para sairmos pela segunda cancela. Dizemos em uma baixa voz: "é só" – ninguém responde ou olha para trás; essa também é uma orientação que recebemos dos mais velhos e mais velhas. Mais tarde, em um ambiente supostamente seguro, Elionice compartilhou que a situação lhe fez lembrar o período de sua infância, quando, ao desobedecer seus pais, ela e suas irmãs foram para a roça no dia de finados e encontraram uma mulher carregando uma criança. Elas se perguntaram: "Você está vendo o que estou vendo?" Ambas disseram que sim – então decidiram voltar às pressas; a alma da mulher as chamava e elas caminhavam rapidamente em profundo silêncio ou na voz da respiração.

Chegamos à mata de areia fina do Olho de Vidro, e Edielso nos alertou para a necessidade de pararmos quando o relógio apontasse meio-dia. Neste momento, Zumbi era o único que tinha celular carregado e possibilidade de ver conferir a hora exata, ele nos informou que já eram 12h36. Assim sendo, já havia passado do meio-dia e, frente aos possíveis riscos, tomamos a decisão de caminharmos mais um pouco até a primeira inclinação. A esta altura, com os celulares descarregados, ficamos praticamente incomunicáveis. Além de não nos atentarmos ao horário de meio-dia, sabíamos que não se anda nesses horários, especialmente em matas. Quem anda em horário impróprio pode carregar consigo forças e energias indesejáveis.

Ao chegarmos no ponto mais alto, paramos para respirar. Não ficamos nem 5 minutos e seguimos para que o sangue não esfriasse e para não perdermos o foco da necessidade de sairmos da mata ainda durante o dia. Chegando à parte de mata densa, pegamos um caminho diferente, visto que esquecemos de inverter a regra da ida, agora era a hora de seguir à direita, mas nosso ser militante tinha aversão à direita. Quando nos demos conta de que estávamos no caminho contrário, tomamos a decisão de seguir o "erro da esquerda" até que os caminhos se encontrassem mais à frente. A presença das tiriricas (*Cyperus haspan*) na mata foi ficando mais intensa, elas cortavam nossos corpos e nossas roupas. Caminhamos outros caminhos à esquerda por cerca de uma hora até que o companheiro Edielso enfiou o facão no chão e disse:

— Temos que voltar, não dá mais para seguir, não estamos no mesmo caminho, minha visão está turva e os caminhos variados!

Elionice disse:

— Se temos que voltar, voltamos, mas não estamos alheios, temos consciência de que pegamos o caminho contrário. Só me preocupa que já andamos mais de uma hora e vamos precisar usar mais de uma hora para voltar, o que significa que o reencontro com o caminho deve acontecer por volta das 15h. Não temos água, nem comida e estamos muito cansados, mas vamos voltar e reencontrar o caminho.

Neste exato momento, Zumbi perguntou:



— Alguém trouxe alho, gente?

Elionice respondeu:

— Eu trouxe! Foi a primeira coisa que coloquei na sacola. Desde que era criança aprendi a carregar alho entre as tranças, no lenço ou no bolso.

Zumbi se posicionou na frente de nós, o alho foi passado para ele, que quebrou os dentes e começou a pedir orientação ao próprio Sultão das Matas para nos guiar no caminho de retorno. Cada um de nós fez nossas macumbas, rezas e orações e seguimos aparentemente tranquilos/as, ainda que internamente fazendo mil conjecturas sobre a possibilidade de não conseguirmos sair da mata.

Como se diz nas comunidades, o alho é uma raiz poderosa! Mesmo com fome e sede, tomando cortes de tiririca, nossas energias foram renovadas ao quebrarmos o alho. Edielso afirmou que suas vistas, que já tinham deixado de enxergar, voltaram ao normal. Nos deparamos com um caminho que tinha uma árvore caída e um sinal da cruz, ao mesmo tempo dissemos que já havíamos passado por aqui na ida. Esse é o “caminho” que devemos seguir no momento. Agradecemos às entidades das Matas por nos reorientarem no caminho correto e por nos libertarem de possíveis forças e energias negativas do meio-dia e seguimos com sebo nas pernas. Em dada altura, começamos a ouvir o barulho das águas e gritamos:

— O rio das Pedrinhas está perto!

Todos os nossos sentidos estavam mais aguçados, como se a matéria do nosso corpo tivesse sido tomada pela própria mata. Se nunca estivemos sós, não estávamos muito menos naquele momento. Elionice estava com a calça toda rasgada, mas animada, e finalmente chegamos ao rio. Manuela, Edielso e Elionice se abraçaram e se deliciaram nas águas. Zumbi os lembrou: temos que continuar andando para sair da mata.

Temos que sair da mata com a claridade do dia, e seguimos até que vencemos o último trecho de mata densa e chegamos à parte da mata redonda, que tinha os cercamentos de pequenos sítios sem plantação. Nossa preocupação era saber se Zumbi ainda tinha qualquer pingüinho de bateria no celular para pedir a Vânia que avisasse a Mãe Zezé que já estávamos fora da mata. Nesse momento, já estávamos no manguinho, esperando um carro para terminar o trajeto. Na verdade, tínhamos saído de uma das matas, não estávamos no manguinho, mas já estávamos em um local com as dinâmicas mais conhecidas por esses corpos. Também não havia nenhum carro para nos levar às Murteiras ou à Rua do Fogo, mas não cabia continuarmos preocupando a Mãe Zezé, que naquele momento e em outros era mãe de todos nós.

Vale destacar que, com impactos na matéria, na temporalidade formal, isso não seria possível, mas chegamos à casa de Mãe Zezé à luz do dia, levados por visíveis e invisíveis, tangíveis e intangíveis, pelo que é possível de dizer e pelo que devemos guardar em segredo.

Em virtude de não termos a expectativa de chegarmos até o Olho de Vidro, concluímos que não nos preparamos adequadamente, seja em termos físicos ou espirituais, para realizarmos o referido trabalho de campo em morada ancestral. Tanto no que tange a aspectos relacionados às vestimentas, como alimentação, equipamentos e ferramentas, de igual modo, não mensuramos a necessidade de pernoitarmos na mata para dividirmos o tempo da ida e volta. Além disso, considerando que estamos tratando de uma comunidade em conflito, com



lideranças ameaçadas, não comunicamos às autoridades de proteção sobre o campo e seus possíveis riscos. Mais importante, não pedimos todas as bênçãos e licenças adequadas, inclusive, não “alimentamos” o comunicador, guardião dos caminhos e das encruzilhadas.

Neste sentido, chegamos às conclusões sobre a importância de compartilharmos aos leitores e leitoras, sejam antropólogos/as ou não, a fim de que em suas experiências de pesquisa não enfrentam as mesmas dificuldades que enfrentamos, diferentemente do que orientam alguns autores clássicos, como Evans-Pritchard na produção intitulada "Algumas Lembranças sobre o Trabalho de Campo nos Anos 20", publicada em 1973. Nessa obra, Evans-Pritchard (1973), considerado um dos principais antropólogos britânicos, refletiu sobre suas experiências no trabalho de campo durante as décadas de 1920 e 1930, especialmente entre os povos azandes e nilóticos, localizados em regiões específicas do continente africano.

A partir da experiência vivenciada durante este percurso de aproximadamente nove horas em uma região de mata composta por restinga e remanescente de mata atlântica, com solos diversos como barro de tauá, patioba, areia branca, pedras e areia preta, podemos sistematizar algumas orientações metodológicas que se mostraram fundamentais para um trabalho de campo bem sucedido. Essas orientações visam tornar a prática de campo mais eficiente, adaptável e sensível às particularidades do campo e do contexto.

- **Avaliação do campo:** é de muita importância realizar uma análise prévia sobre a geografia local, a vegetação predominante e as características do solo, o conhecimento sobre o tipo de solo, podem, inclusive, influenciar diretamente nas escolhas de equipamentos e vestimentas necessárias na estratégia de percurso;
- **Adequação ao campo:** a característica do solo e da vegetação impõem limites físicos. Esses fatores podem influenciar na dificuldade de fazer travessias, sendo necessário pensarmos em pausas estratégicas, bem como ajustarmos o peso do que se transporta para facilitar a locomoção;
- **Caminhada:** Este ponto para nós é crucial, para além de não nos atentarmos às orientações espirituais de saber que o horário de meio dia devemos resguardar. Caminhar por longo período exige um ritmo cadenciado e consciente. Ter pressa ou desatenção pode levar aos erros de orientação ou ao desgaste físico e mental. É importante manter o foco e o ritmo adequado a cada uma, é pensar em pausas mais estratégicas de descanso.
- **Observação do Ambiente:** O trabalho em campo exige uma atenção ao conjunto de detalhes do ambiente. Durante o percurso, é importante observar os sinais do território, como marcas na vegetação ou alterações no solo que podem indicar caminhos ou dificuldades à frente, como podemos perceber.
- **Reconhecimento dos Desafios:** Ainda que se planejamos ou traçamos planos B, C e etc. É necessário estar preparado/a para lidar com os desafios e imprevistos que são inerentes ao trabalho em campo e fazer ajustes na estratégia de colher as informações ou no planejamento do percurso;
- **Planejamento de mantimentos:** O campo é imprevisível e devemos considerar planos para situações emergenciais, como a falta de recursos (água, alimentos, baterias). Pensar nos planos alternativos é de fundamental importância.



- **É importante se equipar, tanto com aparelhos eletrônicos para registros e coletas de informações, proteção e iluminação, a exemplo de lanternas, como ferramentas manuais como facão e/ou faca que facilitem a sobrevivência na mata.** No entanto, a tecnologia deve ser vista como uma ferramenta complementar e não substitutiva a outras formas de se realizar o trabalho de campo. A interação direta com o ambiente continua sendo essencial para o entendimento profundo do território.
- **Respeito aos Saberes Ancestrais, atenção ao lodo do chão, às águas, às matas e ao que as rochas representam. Pedir benção e as devidas licenças;**
- **Reverência ao Ambiente:** as práticas como a utilização de elementos simbólicos (como o alho, por exemplo) e rituais de respeito ao espaço devem ser, sim, incorporadas ao processo metodológico;
- **Ajuste de Metodologias em Tempo Real:** A experiência no território vai além da aplicação de um conjunto fixo de métodos e deve ser vista como um processo de aprendizagem contínua, com atenção à proteção e segurança;
- **Compartilhamento de Experiências:** Ao finalizar o percurso, é importante realizar uma reflexão coletiva, compartilhando as dificuldades, os aprendizados e as estratégias que funcionaram. Isso contribui para a melhoria contínua do trabalho de campo e para a formação de uma metodologia mais eficaz;
- **O aspecto da nutrição do corpo e considerar as condições do tempo:** de modo algum pode ser deixado em segundo plano, água e alimentos adequados são fundamentais para manter energia e evitar perda de consciência ou que as vistas fiquem comprometidas. Por fim, o conjunto das questões revelam que dependendo da conexão que se tenha com o território, não é aconselhável repetir o conjunto de erros que cometemos, entres eles sair com o planejamento de chegar a um ponto X e avançar para o ponto Y em condições inadequadas.

Além de tecermos orientações gerais e mais específicas, adaptáveis a cada realidade, consideramos que a experiência de caminhar por matas de restinga e remanescente de mata atlântica com solo variado e vegetação diversa nos ensinou que o trabalho de campo vai muito além da coleta de dados. Envolve uma compreensão profunda do território e suas dinâmicas, das limitações físicas e dos desafios imprevistos.

Para que o trabalho em campo seja eficaz, é necessário uma preparação pautada em aspectos físicos estruturais, tecnológicos e espirituais cuidadosos, flexibilidade para adaptar-se às condições do ambiente e respeito aos saberes ancestrais que permeiam o território. As metodologias precisam ser ajustadas em tempo real para lidar com as complexidades do campo e, mais importante, para garantir que as experiências coletadas sejam verdadeiras e respeitadas com as comunidades e o ambiente pesquisados.

Ao refletirmos sobre a experiência vivida durante o trabalho em campo, podemos concluir que é fundamental reconsiderar as metodologias tradicionalmente propostas e adaptá-las à realidade e contextos específicos das práticas de campo, que muitas vezes se revelam mais complexas e profundas do que o sugerido por autores clássicos. Nossa vivência nos ensinou que as diretrizes metodológicas, embora importantes, nem sempre se traduzem diretamente em



ações eficazes em contextos reais, onde as dinâmicas sociais, culturais, ancestrais e ambientais podem alterar drasticamente os planos, ou seja, avaliamos que parte do que se propõe não se aplica à realidade da prática do campo.

Reconhecemos que existem limitações e desafios tanto específicos que se relacionam diretamente ao Olho de Vidro e outros territórios quilombolas em conflitos, quanto gerais, que dizem respeito ao campo da pesquisa como um todo. Por isso, é imprescindível que esses desafios sejam minuciosamente expostos e discutidos, não apenas para conscientizarmos futuros pesquisadores/as sobre as dificuldades que poderão encontrar, mas também para fornecermos ferramentas e orientações práticas que facilitem a atuação em campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISPO, A. **A terra dá – a terra quer**. São Paulo: UbU, 2023.

BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer um trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 1, p. 210, 2007.

EVANS-PRITCHARD, E. E. Algumas lembranças sobre trabalho de campo nos anos 20. **Antropológico Trimestral**, v. 46, n. 4, p. 235, out. 1973.

CRUZ, E. A. **Água de Barrela**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

CUNHA, O. M. G. Vivendo em mundos saturados de várias presenças. **Etnográfica**, Centro em Rede de Investigação em Antropologia, vol. 24 | 2020.

GEERTZ, C. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989.

GONÇALVES, A. **Um defeito de cor**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MALINOWSKI, B.. **Os argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SACRAMENTO, E. C. **Da diáspora negra ao território das águas: ancestralidade e protagonismo de mulheres na comunidade pesqueira e quilombola Conceição de Salinas-BA**. 2019. 187 p. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade Junto a Povos e Terras Tradicionais) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável, Brasília, 2019.

HISTÓRICO

Submetido: 31 de março de 2024

Aprovado: 19 de novembro de 2024

Publicado: 31 de dezembro de 2024



AUTORES

Edielso Barbosa dos Santos

Pescador quilombola e extrativista do Território do Guai, Maragogipe/BA co-fundador e coordenador da Escola das Águas, Graduando em Ciências Sociais - UFBA.

Organização social: Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais - MPP

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3972168401895461>

E-mail: edielsob00@gmail.com

Elionice Conceição Sacramento

Pescadora quilombola da sexta geração da raça de Veridiana e Filomena, Doutoranda em Antropologia e Antropologia Social- UFBA e UFRJ

Organização social: Articulação Nacional das Pescadoras - ANP

ORCID: 0000-0001-7392-6160

Lattes: <https://lattes.cnpq.vê/95155745422378688>

E-mail: elionicesacramento@gmail.com

Manuela Sampaio Ferreira

Educadora Popular, Mestranda em Trabalho, Saúde, Ambiente e Movimentos Sociais - ENSP-FIOCRUZ/ENFF

Organização social: Teia dos Povos

ORCID: 0009-0008-2928-5878

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4464821136193365>

E-mail: manueelasampaio@gmail.com

COMO CITAR O ARTIGO - ABNT

SANTOS, E. B; SACRAMENTO, E. C.; FERREIRA, M. S. Ao olho de vidro: refazendo os caminhos ancestrais das Águas, das matas, pedras e grutas da Comunidade Pesqueira e Quilombola Conceição-BA. **Revista GeoUECE**, Fortaleza (CE), v. 13, n. 25, e12798, 2024.